



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções do Projeto Nova Transnordestina, de convênio relativo à viabilização de recursos para o Metrô de Fortaleza e de contrato de empréstimo do Programa Crediamigo do Banco do Nordeste do Brasil - BNB

Fortaleza - CE, 25 de novembro de 2005

Se vocês tiverem um pouco de paciência, não vou falar tanto quanto o ministro Ciro Gomes mas, toda vez que eu vejo gente tão alegre, com a cara boa como vocês, eu fico pensando por que eu tenho que ler um discurso. E eu quero contar algumas coisas que, eu penso, vocês precisam saber.

Em 1993 e 1994, eu fiz, 92 e 94, praticamente, 91 mil quilômetros de caravana por este país, andando de barco. Fiz uma caravana no São Francisco, saí de Minas Gerais e fui chegar a Juazeiro e Petrolina. Fiz uma caravana pela Amazônia. Fiz mais duas caravanas pelo Nordeste brasileiro e depois eu me dei conta de que o Nordeste brasileiro e, sobretudo, a parte mais pobre do Nordeste brasileiro não comportava mais soluções paliativas, que era preciso pensar de forma estruturante, pensar o Nordeste para os próximos 20 anos, para os próximos 30 anos porque, em Brasília, e não é culpa de nenhum governo, toda vez que vai se pensar no Nordeste, aparece um especialista para dizer que não tem viabilidade econômica, porque há uma cultura de se fazer investimento em regiões que já estão prontas, em que as pessoas colocam o dinheiro e têm um retorno imediato. Essa visão, pode ser extraordinária para os investimentos privados. É normal que o empresário, ao querer colocar o seu dinheiro em algum empreendimento, discuta antes o



retorno do capital investido.

Mas esse não é o papel do Estado. O papel do Estado é pensar nacionalmente, globalmente, o seu território, regionalmente e, também, as microrregiões. Em algumas áreas, o Estado tem que se dispor a fazer financiamentos ou investimentos do Orçamento Geral da União, mesmo que saiba que o retorno pode ser de longo prazo porque, para alguns estados, você precisa fazer uma estrada porque já estão se desenvolvendo; para outros estados, se não tiver estrada, não vem o desenvolvimento.

E eu decidi, fazendo as caravanas, que era preciso fazer alguma coisa para o Nordeste, não apenas porque eu sou nordestino, mas porque o Brasil tem um território muito grande. Ao longo da história do Brasil, algumas regiões foram mais privilegiadas do que outras. O poder político, às vezes, determina os investimentos para determinadas regiões e não se pensa nos estados menores, nos estados mais pobres.

Quando eu assumi a Presidência, logo no começo, nós fizemos a prorrogação do tempo da Zona Franca de Manaus, que vencia em 2003, para 2023. Os empresários do Sul do país ficaram nervosos, os políticos ficaram nervosos e eu digo sempre: só é contra a Zona Franca de Manaus quem não conhece a Zona Franca de Manaus e só é contra quem não sabe, definitivamente, a importância estratégica de desenvolver um estado como aquele que, se não tiver a oportunidade de desenvolvimento, adeus floresta amazônica.

Eu resolvi então, lendo a biografia do presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, que era preciso fazer no Nordeste brasileiro o que ele fez no Vale do Tennessee, nos Estados Unidos, que era uma das regiões mais pobres dos Estados Unidos, muito semelhante à pobreza do Nordeste e ele, enquanto Presidente da República, tomou a decisão de que era preciso priorizar o desenvolvimento daquela região, que hoje é uma das regiões mais ricas dos Estados Unidos.



E por que não dar essa mesma oportunidade ao Nordeste brasileiro? Por que ficar assistindo na televisão, a cada ano que tem uma seca, a criação da frente de trabalho, onde os trabalhadores, num ano, pegam uma pedra na margem direita e colocam na margem esquerda; no ano seguinte, pegam da margem esquerda e devolvem para a margem direita? Ou seja, é a produção do nada para o nada, a troco de 30 reais ou 40 reais por mês.

Por que não permitir que os estados mais ricos da Federação andem mais pelas suas próprias pernas e os estados mais pobres recebam mais ajuda da União, mais financiamentos e mais incentivos a novos empreendimentos?

Parte dessas coisas não acontecem no Brasil, e quero pedir desculpas se alguém se sentiu ofendido, pela mediocridade política do Brasil, pela mediocridade de uma classe política onde uma boa parte não consegue pensar o país nem um minuto depois do seu mandato, só pensa nos seus quatro anos, pensando numa reeleição. Nenhuma Nação, lugar nenhum do mundo consegue se projetar enquanto Nação, se cada um que foi eleito só pensar no seu mandato, e não pensar estrategicamente no desenvolvimento do seu país.

Quando a gente planta uma árvore, necessariamente nós não temos que chupar o fruto daquela árvore, outros que virão depois de nós poderão ser os beneficiários. Mas nós tivemos a coragem de plantar, mesmo sabendo que não íamos chupar o fruto daquela árvore. O Brasil tem que ser pensado assim.

Quem assume a presidência de um país importante como o Brasil não pode ser pequeno e pensar na próxima eleição, não pode ser pequeno e apenas estabelecer a política do imediatismo: aquela obra que eu tenho que ver acontecer, aquela obra que tem que ter o meu nome. Por isso, o Brasil não conseguiu, ao longo do tempo, se desenvolver como deveria, e olhe que o Brasil já teve muitas e muitas chances.

Durante 30 anos, este foi o país que mais cresceu no mundo, a ponto de o crescimento chegar a taxas de 10% ao ano e nós não resolvemos o problema da desigualdade social e da miséria neste país. Nós pensamos algumas obras



importantes e, aqui no Ceará, é importante dizer o seguinte: quando eu tomei posse, tinha nove estados do Nordeste, cada um querendo uma refinaria, mais o estado do Espírito Santo e mais o estado do Rio de Janeiro. Cada governador que ia conversar comigo dizia: “a refinaria tem que ser no meu estado”. Chegou um momento em que eu disse o seguinte: a refinaria vai para o estado que arrumar o parceiro para construir a refinaria.

Cheguei a jantar com o senador Tasso Jereissati, com o Príncipe da Arábia Saudita, para tentar convencê-lo a fazer a refinaria no Ceará. Tentei conversar com empresários japoneses, com governadores, com o governador do estado do Espírito Santo, para saber se ia ter investimento, senão a refinaria seria no estado do Espírito Santo, até que o presidente Chávez ganha as eleições na Venezuela e ele, como admirador de um general brasileiro, que foi parceiro do general Simon Bolívar, na Venezuela, o presidente Chávez disse: “eu quero construir uma refinaria no estado de Pernambuco para dar a ela o nome do general que foi herói junto com Simon Bolívar”. Um personagem que no Brasil é desconhecido, mas que na Venezuela lutou muito tempo junto a Simon Bolívar, que é o general Abreu e Lima.

Então vejam, nós estamos para ir a Pernambuco fazer uma festa para anunciar a refinaria num projeto de alguns bilhões de reais. Aqui, foi anunciado, no dia 15 me parece que vai ter a pedra fundamental da Siderúrgica do Ceará. Aqui foi feito o protocolo e eu quero, nos próximos dias, visitar o trecho, porque esse negócio de assinar só protocolo e não começar a colocar trilho e dormente lá, não vai dar muito certo, tem que acontecer logo, uma ferrovia ligando estados importantes do Nordeste brasileiro e que, certamente, os frutos não darão na semana que vem, nem no ano que vem, darão do ponto de vista da geração de empregos, vai valorizar a terra, vai ter mais incremento de investimentos. Mas isso leva alguns anos.

Depois, foi uma guerra, e a ministra Dilma Rousseff sabe, porque na época era ministra de Minas e Energia, depois o Silas pegou o pessoal da



Petrobras já cansado, portanto, mais fácil de ceder para a gente assumir o compromisso de construir o Gasene que vai poder dar sustentabilidade à produção de energia para a Siderúrgica e outros empreendimentos no Nordeste. É um investimento também de 750 milhões de dólares que, certamente, gerará muito emprego. Será licitado a partir de janeiro e eu penso que três ou quatro meses depois já estaremos com o Gasene se dirigindo para fazer a ligação com os gasodutos existentes no Nordeste.

E depois a obra do São Francisco. Eu acho importante dizer aqui, da obra do São Francisco, e repetir sempre, que eu nunca prometi a obra do São Francisco. Duvido que alguém tenha ouvido, em três campanhas que eu fui derrotado, eu prometer água do rio São Francisco. Eu nunca prometi, governador Jarbas. Nunca, porque eu dizia: é preciso estudar muito para a gente saber se vai fazer ou não. E eu, depois, aqui no estado do Ceará, há uns dez anos atrás, acho que na campanha de 94 ou 98, teve deputado que assinou um manifesto de repúdio à minha pessoa, não sei nem se o Eunício era deputado ou o Pimentel, aqui. Eu sei que assinaram repúdio ao Lula, porque o Lula era contra. Porque tinha candidato que vinha aqui, no Ceará, todo faceiro, porque vocês são favoráveis à transposição e ele dizia: “vamos fazer a transposição”. Mas chegava na Bahia, a Bahia era contra, ele dizia: “não vou fazer”. Chegava na Paraíba dizia: “eu vou fazer”. Chegava em Alagoas: “não vou fazer”. Eu nunca afirmei que ia, nem que não ia.

Quando eu tomei posse, pedi ao meu vice-presidente que começasse a fazer os primeiros contatos para que pudéssemos... já tinha um projeto que tinha sido coordenado pelo hoje senador Fernando Bezerra, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso. E esse projeto foi muito debatido, eu mesmo tinha sido convidado para fazer um debate sobre o rio São Francisco. Eu pedi ao José Alencar que reestruturasse o debate sobre o São Francisco, que viajasse o Brasil, que conversasse. O vice-presidente José Alencar fez as primeiras etapas de negociações, conversa com governadores, com



deputados, com prefeitos, com técnicos e, depois, chamei o ministro Ciro Gomes e pedi para o ministro Ciro Gomes tocar o projeto do São Francisco.

É um projeto que o povo cearense precisa se manifestar, mas é um projeto que nós não podemos deixar... eu não acredito que um cidadão baiano, sergipano, alagoano pobre esteja querendo negar um copo de água para um irmão nordestino que mora nos estados que não têm água.

Porque eu vejo, meu querido companheiro Ciro Gomes, hoje eu vejo alguns governadores defensores do rio São Francisco fazendo alguns discursos que eu fico pensando: mas se essas pessoas gostavam tanto do rio São Francisco, por que deixaram, durante tantas décadas queimar todas as matas ciliares para fazer carvão com o cerrado? Por que deixaram, durante tantos anos jogar esgotos das cidades dentro do rio São Francisco? Essas pessoas gostavam mesmo do rio ou essas pessoas, agora querem tentar tirar proveito político sem conhecer?

Eu dizia para o Ciro que um dia eu estava na Universidade Federal de São Paulo fazendo um ato, tinha lá uns meninos com uma faixa contra o São Francisco e eu fiquei pensando: este aí deve ter água “Perrier” na sua geladeira. Porque se ele souber o que é carregar um pote de água por 6, 7 quilômetros na cabeça, se ele soubesse o que é ficar esperando a humilhação de um carro-pipa, que nunca vem e quando vem às vezes chega tão atrasado que não valeu mais a pena, não seria contra e o Ciro fez esse projeto com a maior responsabilidade. Esse projeto vai tirar apenas 1% da água do rio São Francisco, esse projeto vai fazer uma interligação com muitos açudes, para que ele fique totalmente perene a vida inteira.

Este projeto, já estão desapropriados dois quilômetros e meio à margem direita e esquerda do canal, para que a gente possa fazer projetos de assentamento. Esse canal está pensado do ponto de vista social e humanitário. Social, porque nós queremos desenvolver alguma coisa ao lado do canal, e humanitário porque não é possível um país que tenha a quantidade de água



que tem o Brasil, deixar aproximadamente 12 milhões de pessoas... e quando eu falo isso eu falo porque sei e vivi na pele.

Quando eu tinha sete anos de idade, Ciro, eu morava numa coisa mais ou menos assim, um terreno... eu me lembro que quando começava a trovejar a minha mãe fazia a gente fazer uma mureta de areia para catar água da chuva para a gente beber. Agora, se as pessoas do país não compreenderem que esse é um projeto que vai transformar o Nordeste brasileiro, não numa coisa melhor, mas numa coisa igual ao restante do país, dar cidadania aos nossos irmãos que não tiveram oportunidade, é a chance que nós temos.

Esses três projetos que eu falei, quatro na verdade, Gasene, Siderúrgica, São Francisco e a Transnordestina, e mais um que eu acho que daqui a 10 ou 15 anos será o mais importante... eu quero aproveitar, eu estou para prestar uma homenagem a ele, mas ainda não foi possível, ao professor Expedito Parente, que foi o idealizador do biodiesel, e nós resolvemos transformar o biodiesel em combustível e, a partir daí, pensamos Nordeste brasileiro, criamos uma política especial para o Nordeste brasileiro, fazendo isenção de impostos para as empresas de biodiesel que contratarem trabalhadores da agricultura familiar para plantar mamona.

A Petrobras participou do leilão esta semana, três empresas vão produzir 70 milhões de litros de biodiesel e nós vamos ter, então, a garantia de que o Brasil será – como é do etanol – daqui a 15 anos, um país líder na produção de biodiesel no mundo, certamente, será uma matriz energética muito mais geradora de empregos, muito menos poluente e, portanto, muito mais distribuidora de riquezas. E o mundo, depois do Protocolo de Quioto, vai precisar muito de um programa como esse.

E aqui, no Nordeste, já estamos fazendo uma pequena revolução. Às vezes, uma pequena revolução começa com um gesto, com um ato, com uma pessoa. E as pessoas só vão se dar conta de que elas estão existindo quando fizer muito barulho.



Eu fui visitar a fábrica de biodiesel lá em Floriano, no Piauí. E em uma fábrica que tem 40 trabalhadores, cada trabalhador gera mil empregos no campo, na produção de mamona, numa demonstração de que nós poderemos viabilizar mais dignamente o povo nordestino e, sobretudo, a parte mais pobre do país. Esse é um projeto que eu tenho por ele uma predileção importante porque é um projeto que vai tornar o nosso querido Brasil com três fontes energéticas excepcionais: o petróleo, eu fui ao Rio de Janeiro anteontem lançar a plataforma P50, uma plataforma que tem tamanho de três estádios do Maracanã, uma plataforma que tem capacidade de armazenar em alto-mar 1 milhão e 600 mil barris/dia de petróleo. A produção de um dia da Petrobras cabe dentro dessa P50. Nós atingimos a auto-suficiência quando essa P50 começar a produzir. Vamos produzir mais de 1 milhão e 850 mil barris/dia, que é a nossa auto-suficiência. Mas nós queremos mais.

Hoje, o Brasil, produz aproximadamente, 16 bilhões de litros de etanol, estamos exportando como nunca exportamos e queremos fazer mais acordos com outros países para que eles possam colocar etanol na gasolina e para que a gente possa produzir mais, gerar mais emprego, gerar mais riqueza e para que a gente possa ajudar que a agricultura brasileira seja muito maior e muito melhor do que ela é hoje.

E agora, o biodiesel. Está começando. Eu disse para a Dilma Rousseff que foi, no começo, quem coordenou esse projeto, que a gente vai superar todas as etapas, estão previstos, até 2008, 2% de biodiesel no óleo diesel; depois, estão previstos, em 2013, 5%. Pode escrever no teu caderninho, Dilma, que nós vamos passar por cima disso, Silas, porque eu me lembro que dois anos atrás a gente discutiu com a indústria automobilística a necessidade de voltar a utilizar o álcool e, hoje, o Brasil não só produz carro a álcool como o *flex fuel*, o carro que usa álcool e gasolina. Sessenta e cinco por cento dos carros vendidos no mercado interno, este ano, são *flex fuel*. Nenhum país do mundo tem essas condições. E nós temos essas condições.



Então, a Petrobras é um motivo de orgulho para nós. Todo mundo conhece, a Petrobras é a empresa mais extraordinária que o Brasil poderia ter. Ela é tão importante que eu acho que o presidente da Petrobras deveria ser eleito diretamente pelo voto, porque vá ter dinheiro para gastar em outro lugar. Eu fui ao Rio de Janeiro agora, ele anunciou, até 2010, 86 bilhões de reais de investimento, quando o governo brasileiro não tem como anunciar uma quantia dessas.

Então, a Petrobras que é essa empresa poderosa, certamente, vai nos ajudar. Mas eu acho que a Petrobras pode exportar muito petróleo e a gente utilizar aqui o nosso combustível porque essa vai ser a redenção do Brasil. E o Brasil tem soja, o Brasil tem mamona, o Brasil tem semente de girassol, o Brasil tem o pinhão manso, o Brasil tem babaçu, o Brasil tem dendê, ou seja, nós temos dezenas de possibilidades de produzir biodiesel e eu acho que nós logo, logo, estaremos sendo olhados pelo mundo como um grande produtor de biodiesel. Só para ter idéia, governador Lúcio Alcântara e Jarbas Vasconcelos, no almoço que fiz como presidente Bush na minha casa, 90% da conversa era sobre o biodiesel, porque os americanos também estão preocupados com o petróleo e estão querendo produzir biodiesel. Eu disse: “nós temos terra, sol, água, gente boa para trabalhar, não temos furacão, não temos neve, não temos maremoto, terremoto, aqui é paz e amor, neste país. Pode investir aqui, que não tem problema”.

Esse projeto é... veja, a Petrobras está fazendo poço, agora, a 2 mil metros, 1.850 metros de lâmina d'água, depois que ela desce 1.800 metros de lâmina d'água, ela perfura 2 mil metros ou 3 de terra, veja, são quase 5 quilômetros de profundidade. Eu estou dizendo para o Presidente da Petrobras: “rapaz, não fique fazendo birra contra o nosso biodiesel não”, porque a Petrobras acha que tudo compete com ela. Ela teve demora para aturar o Pró-Álcool e, agora, o biodiesel. “Ciúmes, vai nascer um irmãozinho ali e eu não quero porque está bem aqui, filho único”. Então, eu falei para o José Sérgio



Gabrielli: “veja a diferença, José Sérgio Gabrielli, para furar um poço de 2 mil metros, você gasta uma fortuna; agora, veja a nossa vantagem no biodiesel: o cidadão, com a mão mesmo, cava uma covinha ali, joga uma sementezinha ali, poucos meses depois ele vai lá, um metro e meio de altura, vai lá e colhe a mamona, vai moer aquela mamona, vai para a usina e nós vamos ter o biodiesel”.

Nós vamos gerar milhares e milhares de empregos neste país e eu só quero que vocês se lembrem do dia de hoje e, daqui a dez anos, vamos voltar a conversar sobre o que significou o biodiesel para o Nordeste brasileiro, para o Brasil, e esses projetos que aqui hoje foram anunciados. Mas não é apenas isso. Eu sempre achei que o Brasil padecia de desvios de país colonizado. Embora tenhamos conquistado a nossa independência no dia 7 de setembro de 1822, a verdade é que a cabeça de uma parcela do Brasil ainda estava colonizada. Se vocês pegarem o mapa do Brasil, vocês vão perceber que durante quatro séculos e meio o Brasil cresceu só à beira-mar, era tudo voltado para a Europa, sobretudo porque o transporte era feito de navio. A partir de Juscelino, começou-se a pensar, a se desenvolver para dentro e, agora, nós demos um passo a mais, demos um passo a mais na integração da América do Sul e em tentar construir as coisas que faltam para que a gente possa se integrar enquanto continente e poder vender e comprar os nossos produtos com os países com os quais somos vizinhos, porque o Brasil tem fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile.

Portanto, nós não podemos ver um carro, vizinho do Brasil, vindo do Japão, quando nós podemos vender carro nosso com qualidade e tão importante quanto os outros. Mas o Brasil era quase como um país que não poderia pensar na América do Sul, na América Latina, na África; nós estávamos com a cabeça muito subordinada aos nossos colonizadores, ao continente europeu, então, era tudo para lá. Hoje a nossa relação comercial com a América do Sul já é maior do que com a União Européia e já é maior do



que com os Estados Unidos.

Tudo isso está possibilitando, não vender um otimismo exagerado para vocês de que está tudo pronto, não está. A história de uma Nação não se constrói em uma década e, às vezes, nem em um século. E resolver as mazelas que foram feitas ao longo de séculos neste país e pagar as dívidas sociais que foram contraídas com o povo brasileiro, isso não será resolvido em um mandato, em dois mandatos, em três mandatos, em quatro mandatos. É preciso que haja um compromisso da Nação.

Eu acho que, um dia, governador Lúcio, nós vamos aprovar no Senado e na Câmara, quem sabe, a idéia de uma mini-Constituinte para fazer um projeto para o Brasil, e fazer um projeto para o Brasil, que todo presidente que entrar não tem que inventar nada, ele tem que cumprir aquele projeto Constituinte até a gente resolver o problema do Brasil, porque, senão, não tem jeito.

O Brasil está vivendo um momento bom, na minha opinião. Todo mundo pode querer um pouco mais, e é normal que se queira um pouco mais, mas o Brasil está vivendo uma combinação boa de crescimento econômico, de crescimento da exportação, de crescimento do emprego, está vivendo um momento bom. Eu quero muito mais e vou trabalhar para que a gente tenha muito mais. Mas também nós temos aqueles que não querem que as coisas dêem certo.

O Brasil é fantasticamente engraçado. Eu não sei se é o Brasil, governador Jarbas, ou se é no mundo inteiro. Aquele que perde uma eleição, ele fica torcendo, torcendo para que quem seja eleito não faça nada, não dê certo, erre o máximo possível, porque é a chance. Mas vocês já foram eleitos, já perderam, já ganharam eleição, é assim no Brasil. Todo mundo fica torcendo pelo fracasso.

Um dia, Patrícia, você vai ser eleita num cargo majoritário, num cargo executivo, e você vai ver, as pessoas ficam torcendo: tomara que não dê certo. Isso é que nem uma ave de mau agouro. Então, se a gente tiver um projeto



para o país, um projeto em que o sucessor do Lúcio, o sucessor do Lula, o sucessor da Luizianne tenha compromisso, quem sabe a gente possa fazer muito mais pelo país. Nós estamos começando e não é fácil.

Eu vou dar um exemplo, aqui, Jarbas, Wellington e Lúcio, só no Nordeste brasileiro, o Bolsa Família está atendendo, até o dia de hoje, 3 milhões e 910 mil famílias. Estamos já com uma cobertura, no Nordeste, de 74% das pessoas que estão abaixo da linha da pobreza. E estamos gastando, nesse Programa, no Nordeste, 3 bilhões, 179 milhões, 702 mil e alguns centavos. E, por mês, significa vir, para combater a pobreza no Nordeste, 265 milhões de reais/mês, para combater a pobreza no Nordeste.

No estado do Ceará, só no estado do Ceará, nós estamos atendendo 678 mil famílias com o Bolsa Família. Já atingimos a cobertura de 82% das pessoas que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha da pobreza. Estamos gastando 550 milhões de reais/ano, com um total de 46 milhões/mês de combate à pobreza.

É pouco, mas se juntarmos isso à compra de leite dos pequenos produtores, se juntarmos isso com o seguro agrícola, se juntarmos isso com a compra de alimentos, se juntarmos isso com o Pronaf, se juntarmos isso com o CrediAmigo, se juntarmos isso com as políticas sociais dos estados e das cidades, nós vamos perceber que em nenhum momento da história do Brasil os pobres tiveram tanta atenção como estão tendo agora. Nunca.

A verdade é que houve várias tentativas. Mas pobre conseguia entrar num banco? Mesmo no BNB era difícil. O Banco do Brasil, meu caro Schmidt, tinha perdido o hábito de emprestar dinheiro para pequeno, era melhor emprestar tudo para um grandão do que emprestar para milhares de pequenos, emprestar dois contos ali, dois contos e meio ali, mil reais, três mil, dá trabalho, é muita gente. E ainda tem gente que vai de sandália lá, para pegar dinheiro, não fica bem com o banco.

Nós mudamos essa cultura. E eu penso que é por isso que os números



são muito bons. Vocês sabem quanto nós fizemos de empréstimo consignado em 20 meses, aquele dinheiro que o cidadão toma emprestado e desconta na folha de pagamento? Por isso é que a economia brasileira não pára: foram 29 bilhões de reais emprestados, 11 milhões e meio de tomadores, dos quais 5 milhões de aposentados. Aonde que o aposentado conseguia tomar dinheiro emprestado neste país? Hoje ele pode ir ao banco e tomar dinheiro emprestado, dar o seu holerite de pagamento, o seu contracheque de pagamento em garantia, e só pode descontar o máximo de 30% do que vai receber de salário, para não comprometer todo o salário.

E aí, o país vai andando. O país está começando a andar. Vários setores das indústrias estão crescendo; pela primeira vez, em 23 anos, as empresas ganharam mais dinheiro do que os bancos, o que já é um bom sinal. A gente percebe que as coisas estão... O Congresso Nacional tem nos ajudado. Por mais que você veja, na imprensa, briga entre o Senado e o Poder Executivo, Câmara e Poder Executivo, a verdade é que na essência o Senado e a Câmara têm votado as coisas de interesse deste país. De vez em quando, tem uma disputa política mais aguerrida, um xinga aqui, outro xinga ali, mas uma boa conversa resolve e fica tudo acertado, vota-se, coloca-se uma emenda a mais, isso é parte da democracia. Quando vocês virem essa briga, não se assustem. É melhor assim do que no tempo do regime militar, em que a gente não tinha essas coisas. É melhor isso. Isso é um aprendizado.

Outro dia, eu disse no Roda Viva: “aproveitem que eu estou no governo e denunciem tudo o que vocês souberem de corrupção, tudo, porque vocês terão a certeza de que será apurado”. Denunciem. Quem souber, não guarde para si, não. Agora, por favor, não mintam, porque, se ao invés de denunciar uma coisa com indício de prova, você ficar levantando calúnia contra as pessoas, não poderemos prejudicar gente inocente, condenar gente inocente e absolver gente culpada. Então, é preciso que a gente faça as coisas corretamente.



O Brasil, quero dizer para vocês, não vai jogar fora essa chance. Não vai jogar fora. Nós demoramos muito para chegar aqui. Os senadores sabem, os deputados sabem, os ministros sabem, vocês sabem o sacrifício que nós fizemos no primeiro ano de governo. Foi quase como cortar uma veia para poder garantir que este país não fosse quebrar. Eu disse para a Dilma hoje, eu fazia reunião com alguns economistas amigos meus, dos mais importantes do Brasil, quando terminava a análise econômica, eu falava: “espera aí, se o Brasil está assim por que vocês querem que eu seja candidato a Presidente? Se o país vai quebrar, por que eu vou pegar esse abacaxi?” Agora, como eu gosto de abacaxi, é a minha fruta predileta, eu falei “vou pegar esse abacaxi e vou provar que a gente pode consertar esse abacaxi, fazê-lo ser uma coisa bastante digerível.”

E podem ter certeza de uma coisa: com a conclusão desses projetos, o Nordeste brasileiro dará um salto de qualidade e, daqui a 20 ou 30 anos, os nossos filhos e os nossos netos vão se lembrar deste dia de hoje. Eu considero o dia de hoje um passo importante para que o Nordeste brasileiro deixe de ser exportador de pessoas procurando emprego nos centros mais ricos da União, para o Nordeste brasileiro voltar a ser um lugar gerador de emprego, gerador de oportunidades, porque uma coisa de que eu me orgulho é quando eu vejo um aposentado metalúrgico voltar para o Nordeste: ele saiu daqui com uma mão nas costas e a outra na frente, atrás de emprego. Trabalhou 35 anos lá e, quando ele se aposenta, ele volta para cá cidadão, ele volta para cá com poder de compra, ele volta para cá consumidor, e vocês devem conhecer muitos espalhados por este Nordeste afora.

De forma, companheiros e companheiras, que eu quero dizer para vocês, como nordestino, como Presidente da República, que eu, no dia de hoje, estou duplamente orgulhoso. Voltarei aqui no dia 15 para a pedra fundamental da nossa Siderúrgica e virei dar o primeiro ponto de solda no gasoduto do Gasene, vou fazer uma viagem de metrô quando ele estiver



pronto porque é uma obra... e eu quero fazer justiça aqui: o governador Lúcio, eu já não podia vê-lo marcar uma audiência que eu já sabia que vinha o metrô na frente. E nós, depois de muita dificuldade, muita engenharia, conseguimos liberar o dinheiro para o metrô de Belo Horizonte, para o metrô de Salvador, para o metrô de Fortaleza, e estamos aqui acordando com o governador Jarbas para a gente ver se conclui a questão do metrô de Recife, porque cada cidade, agora, quer um metrô, virou um negócio impressionante. O Wellington quer um metrô também, e eu tenho dito o seguinte: “só vamos fazer metrô, agora, quando a gente terminar esses quatro”. Porque que digo sempre: cachorro de muito dono morre de fome porque todo mundo pensa que pôs comida e não pôs. Se você colocar 10 obras, você termina não fazendo. Então, vamos terminar esses quatro, depois vamos ver quais as outras cidades que precisam de metrô para a gente fazer novos projetos. O dado concreto é que eu, ainda este ano, quero dar uma volta no metrô de Fortaleza e de Salvador.

E queria dizer a vocês que o governador Lúcio tem sido um parceiro. Não esperem que essa parceria acabe com as divergências políticas, porque nós somos de partidos diferentes, e é bom não acabar. Divergência, é bom ter, porque nós precisamos aprender a conviver com isso.

E eu queria, aqui, fazer justiça a um companheiro. Eu sei que quando estou com muitos ministros, elogiar um só fica muito ruim, mas eu quero fazer justiça, aqui, ao nosso ministro Ciro Gomes. Primeiro, porque é o único paulista nordestino, já é um valor extraordinário na cabeça de um ser humano, sem que tenha conseguido passaporte do Ceará, ou seja, ele é por conta própria. Segundo, porque o Ciro é um companheiro que tem dado uma contribuição inestimável ao meu governo e ao nosso país. Eu, poucas vezes, conheci um ser humano com a dedicação, com a honradez e com a lealdade que o Ciro Gomes tem, nas coisas que nós fazemos, no governo.

E essa visão que eu tenho do Ciro Gomes, hoje, é a demonstração de que nós, seres humanos, não somos estáticos, nós somos uma “metamorfose



ambulante”, nós estamos mudando todo dia, aprendendo, ensinando. E o Ciro Gomes, tem sido um quadro excepcional, esse projeto do São Francisco, ele e o Brito têm trabalhado que nem dois heróis, enfrentando provocações, e não desistem nunca, porque eles são brasileiros e sabem que não podem desistir nunca.

Essa Transnordestina foi uma engenharia. Olhe, eu quero dizer para vocês, que, muitas vezes, eu pensei em desistir, porque quando eu chamava Ciro Gomes, Palocci, Guido Mantega e mais não sei quem, ao invés de solução, senador Sérgio Guerra, era só problema, só problema. Chegou uma hora em que eu falei: “Sabe de uma coisa? Eu vou desistir, porque não dá certo”. E o Ciro Gomes: “Não, vamos encontrar uma solução, vamos encontrar uma solução”. E encontramos uma solução e vamos fazer um investimento de 4 bilhões e meio de reais, o que pode nos ajudar.

E eu acho que se o Ciro não estivesse participando... obviamente que todos os ministros tiveram... Eu dei a Transnordestina e o São Francisco para o Ciro, numa homenagem de um companheiro que disputou as eleições comigo e eu disse ao Ciro uma vez: “você vai saber o que é a elite política brasileira quando você virar oposição. Você vai saber como é que ela trata os adversários”.

E, numa homenagem ao fato de o Ciro Gomes ter sido meu concorrente, eu tê-lo chamado para participar do governo, ele ter aceito, eu dei duas obras que são duas paixões da minha vida, a Transnordestina e o Canal do São Francisco para o Ciro Gomes fazer. Mesmo o nosso ministro dos Transportes, Alfredo, que eu pensei que era amazonense, é do Rio Grande do Norte, ou seja, que era para ser do ministro dos Transportes. Aí foi uma homenagem, uma homenagem à humildade, à lealdade, às coisas transparentes que ele faz. Então, eu não podia fazer elogios ao Ciro num lugar melhor do que na cidade de Fortaleza, no seu estado do Ceará.

E o que eu estou dizendo aqui, para vocês, posso garantir, é o



pensamento unânime de cada ministro, o pensamento unânime de cada ministro do que o Ciro tem nos ajudado lá.

Portanto, eu quero dizer ao governador Lúcio, ao governador Wellington, ao governador Jarbas Vasconcelos, aos nossos deputados, senadores, ao povo do Ceará, empresários, trabalhadores, ao BNB, aos senadores, eu quero dizer a vocês o seguinte: tenho certeza de que hoje nós marcamos um novo começo de vida para o povo nordestino. Um novo começo de vida. E eu tenho certeza de que todos nós vamos nos orgulhar amanhã de ter participado deste dia porque, afinal de contas, nós estamos dando um passo importante, outros antes de nós já fizeram coisas, nós não começamos, não inventamos o mundo e nem a roda, mas eu acho que o passo de hoje foi extremamente importante.

Portanto, que Deus nos abençoe, que Deus abençoe todos vocês, que a nossa prefeita Luizianne tenha toda a sorte do mundo na sua administração, que o governador Lúcio tenha toda a sorte do mundo porque eu, depois dos 60 anos de idade, eu cheguei à seguinte conclusão: nossa vida é tão curta que não vale a pena a gente ter ódio, não vale a pena a gente ter rancor, não vale a pena a gente não pensar de forma otimista todo o dia e toda hora.

Portanto, eu sou um brasileiro otimista, eu sou um brasileiro que acredita e, por acreditar, eu sou um brasileiro que posso dizer para vocês: estejam certos de que o Brasil nunca mais voltará a ser o mesmo.

Obrigado.